

Os bravos filhos de Albião

José Pedro da Silva, um dos maiores – senão o maior – divulgador das façanhas e heroísmo do exército anglo-luso durante a Guerra Peninsular, afirma, em 1812, na *Advertencia à Coleção dos Versos e Descrições dos Quadros Alegóricos [...]*:

As Musas Portuguezas carpirão com saudoso accento a triste ausência de Nossos Queridos Soberanos, e com heróica tuba cantarão os prodigiosos feitos dos Valentes Guerreiros Anglo-Lusos, companheiros na Gloria, e Irmãos nas Armas.¹

Este é o mote que dará forma às múltiplas referências feitas por autores portugueses ao povo britânico, referências essencialmente colhidas na poesia encomiástica que proliferou na época, mas também em muitos jornais e revistas, bem como na “boca do povo”, um pouco por todo o lado: “companheiros na Gloria, e Irmãos nas Armas”. Portugueses e britânicos uniam-se pelos laços de sangue do heroísmo e mereciam frequentemente idênticos elogios à bravura e tenacidade da sua entrega em prol da defesa da liberdade de Portugal.

É sabido que Arthur Wellesley, futuro General Wellington, veio a reconhecer abertamente o valor das tropas portuguesas, depois de ter tomado as necessárias medidas para organizar um exército de homens destemidos mas nem sempre bem organizados, e marcados pela situação de indigência em que Portugal se via mergulhado. Numa carta ao Duque de York, datada de 22 de Agosto de 1808, podem ler-se as seguintes palavras do general irlandês acerca do exército anglo-luso e do sucesso da batalha do Vimeiro:

I cannot say too much in favour of the troops. Their gallantry and their discipline were equally conspicuous; and I must add that this is the only action that I have ever been in, in which every thing passed as it was directed; and no mistake was made by any of the officers charged with its conduct.²

Por parte de Portugal, verifica-se um crescendo de admiração pela figura de *Sir* Arthur Wellesley, que, embora o destaque do restante exército – chegando a elevá-lo à categoria de Herói, Semi-Deus e Salvador (epítetos que se espalhavam pelos poemas

¹ SILVA, 1812: III-IV.

² Cf. Carta de Wellington ao Duque de York. «Camp Vimiera. Aug. 22nd 1808». *Wellington Papers*. 1/211, Folder 4. (publ. 1837).

escritos em sua honra) – não deixa, na maioria dos casos, de se fazer acompanhar de termos laudatórios em relação ao povo britânico.

É o mesmo J. P. Silva quem inclui, na mesma *Collecção dos Versos e Descrições [...]*, uma “Ode a S.A.R. o Príncipe regente de Portugal”, de N.A.P.P.M., onde se podem ler, entre outras, as seguintes estrofes:

De Britannos Heróes Lysia inundada,
As épocas do assombro lhe accordarão;
E entre as que forão, e as que vão correndo
Mal se decide a Fama.

[...]

Já sobre o Luso chão Corsica planta
Seus toxicos não larga, e já na Iberia
Anglo-Lusos a frente adornão
Co’ a rama do triunfo.³

É certo que tais composições, de teor arcádico e gosto neo-clássico – que constituem a principal fonte de informação destas linhas e das quais foram estudadas cerca de 150 dedicadas ao General Wellington e cerca de 72 que não lhe eram directamente dirigidas, embora por vezes o referissem – obedeciam a propósitos claramente definidos, por parte do governo português, de fomentar o bom entendimento entre Portugal e a Grã-Bretanha, do qual dependia, em grande medida, o sucesso da guerra napoleónica em solo lusitano. No entanto, é necessário reconhecer também que não seria necessário grande incentivo para que o povo português reconhecesse a necessidade e o mérito da presença britânica em Portugal. Tal evidência é confirmada pela existência paralela de composições populares, que exprimiam a espontânea vontade do povo de glorificar os seus heróis. O excerto que se segue faz parte de um poema popular dedicado, em 1813, a Wellington, assinado por A.J.C. e S. e intitulado “O Guerreiro honrado. Dialogo entre Pai, Mãe e hum Filho Soldado”:

O José, nós á manhã
A Arroyos devemos ir,
Esperar o nosso Filho
Que nas Tropas há de vir

³ SILVA, 1812: 198-201.

Pois não Mulher, deve ser,
Isso a nós não nos fica mal,
Ele foi um dos Heróes
Que defendeu Portugal

[...]

Que mais póde desejar,
Quem teme a Deos, e ama o Rei,
E derramar o seu sangue
Pela Pátria e Santa Lei

[...]

Nunca menos esperei
Dos honrados Portuguezes,
Sua coragem, e valor
Já conhecem os Francezes.

À britanica Nação
Nós estamos obrigados
Em todo o tempo tem sido
Amigos, e aliados

[...]

São Leaes, e o Sábio Lord,
He General sem segundo
Seu valor he conhecido
Nas quatro partes do Mundo.

[...]

Vamos meu Pai, minha Mãi,
Agora três vivas dar,
Hum a DEOS, outro ao PRINCIPE,
Outro ao Lord, que he sem par.

São de destacar alguns aspectos significativos nesta composição popular: por um lado, a permanente associação entre fé e patriotismo – ou, mais especificamente, entre a religião e o respeito e dedicação ao Rei e a toda a família real, respeito esse que, apesar de tudo, como neste caso as maiúsculas testemunham, está acima da admiração pelo “General sem segundo”; por outro lado, a “britanica Nação” merece uma inteira quadra em seu louvor, depois de terem já sido elogiados os “honrados Portuguezes”, que atemorizam os franceses; em terceiro lugar, é de notar a data da composição, 1813. Na

realidade, a grande maioria dos poemas encomiásticos sobre Wellington e os britânicos foi publicada entre 1811 e 1813, ou seja, na parte final da guerra em território português, ou mesmo já depois da saída das tropas de Portugal. Tendo embora começado a ser esgrimida com eficácia a arma literária e laudatória a partir de 1809, aquando da expulsão dos exércitos de Soult da cidade do Porto (no final da segunda invasão), é sobretudo quando já se vislumbra uma paz definitiva que se multiplicam os sinais de louvor e agradecimento a Wellington e às suas tropas.

No entanto, enquanto que Wellington merece rasgados elogios de diversas ressonâncias (militares, religiosas, míticas, messiânicas), o valor do povo britânico é reduzido unicamente ao contexto da guerra; enquanto que a quase divinização do General encontra a sua coerência na própria figura humana de Arthur Wellesley – que demonstra respeito pelo povo português, bem como qualidades pessoais de honestidade, prudência, bondade – o elogio das tropas britânicas não extravasa o domínio da exaltação da bravura e da perícia militares; não se encontram, de facto, nos poemas analisados, claros sinais de admiração pelo povo britânico em si mesmo, como se as relações estabelecidas não tivessem chegado ao grau mais profundo da verdadeira amizade e mútua admiração.

Neste ponto, é impossível não pensar nos tantos relatos de viajantes e militares britânicos pelo nosso País, cuja esmagadora maioria denota uma evidente dificuldade de identificação com os usos e costumes dos Portugueses, sobre os quais recai, quase sempre, um olhar sobranceiro, crítico, irónico ou, quando mais benévolo, revelando uma condescendência que deixa transparecer uma atitude de superioridade em relação à natural característica hospitaleira do povo lusitano. Se, no caso dos militares britânicos, tal tendência se viu mitigada pela necessária convivência que a guerra implicou e pelo conseqüente companheirismo dos “irmãos nas armas”, que permitiu um conhecimento mais autêntico das reais características de cada povo, fora do contexto militar são muito poucos os casos de verdadeiro interesse pelo País que se pretendia defender da ameaça napoleónica.

É, pois, natural, que se encontrasse o “reverso da medalha” nas composições portuguesas sobre as tropas britânicas – não sob a forma de crítica declarada, facto que a situação militar não permitia –, mas de modo velado, nas entrelinhas de uma atitude que, sem deixar de ser laudatória, destacava marcadamente o General Wellington do seu

povo, sendo este último referido favoravelmente, mas com alguma discrição e sem grandes exuberâncias.

Testemunho mais óbvio disso são os poemas que quase fazem esquecer a vertente anglófona do exército anglo-luso, focando sobretudo o valor da Nação portuguesa e o mérito do General britânico, como pode ler-se, por exemplo, num Soneto de N.A.P.P.M., que interpela o Rei de Portugal a regressar à Pátria, incluído na colectânea de J. P. Silva, *Versos que distribuiu gratuitamente [...]*:

Veçados a cingir na frente o loiro,
Inda outra vez os Lusos triunfarão;
À voz de Wellington fervidos marcharão,
E he da victoria a sua voz o agoiro

Novo por armas, pálido desdoiro
Em Badajoz os pérfidos provárão:
Cursos ao ferro Portuguez tomárão
O medo que teve outr'ora o Moiro.

Mas Lysia ufana de troféos cingida,
Ardendo em gloria, maior gloria anhella;
Tua presença, ó Principe, convida.

Volve, Senhor: Comtigo ausente della
Ella por seu esforço está remida...
Tornando Tu, quem poderá vencella?⁴

Um outro caso apresenta idêntico interesse, por destacar explicitamente o mérito de Wellington do valor da Grã-Bretanha. Trata-se, por sinal, do excerto de uma ode de um dos autores mais conhecidos da época, o padre José Agostinho de Macedo, que a dedica em 1813 “Ao Invicto Wellington”:

Ó do Britano invicto
(De quem o Mar he todo, a Terra he quasi!)
Génio mandado tutelar a Lysia;
Que Scipião, que Fabio
Te posso comparar? Hés mais, hés Júlio!
Não lisongea, ou mente
Quem de ti nada quer, que até Britania,
Para a minha alma independente, he pobre!

⁴ SILVA, 1812: 8.

Em Setembro de 1987 a Associação dos Amigos de Almeida, em colaboração com a sua Câmara Municipal, publica um opúsculo em memória do violento ataque a essa vila, em 26 de Agosto de 1810, com a “consequente capitulação da Praça às mãos de Massena”. Nele se reimprimem dois poemas, o primeiro intitulado “Explosão de Almeida” e assinado D.L. de S., e o segundo chamado “Poema do Tenente-Rei”, do Coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida, que, como diz Rui Brito da Fonseca na Nota Introdutória, “não é senão a defesa amargurada da conduta do Tenente-Rei da Praça de Almeida, mau grado a condenação e fuzilamento a que foi sujeito em Setembro de 1812 culminando um dos mais polémicos processos jurídico-castrenses de todo o século XIX em Portugal”⁵. Sendo ambos pungentes testemunhos de um dos mais terríveis episódios da Guerra Peninsular, só no primeiro se encontra referência às tropas anglo-lusas, nos termos a que no início se aludiu, de entre-ajuda fraterna. Dizem algumas linhas do longo poema, desafiando ironicamente Massena a que continue a sua obra sangrenta:

[...]
Prosegue pois, prosegue temerário,
Almeida te convida a mais victorias;
Mas vê que de Albião os bravos filhos
C’os bravos Lusitanos seus amigos,
Hum só povo fazendo, huma familia,
Tem por pai hum Heroe, um genio raro,
Que o nome do seu Rei, da Patria sua,
Fazendo respeitar em toda a parte,
Diversas regiões, diversas gentes
A fama lhe tributão que merece.
[...]
O teu rival he este, este he WELLINGTON,
Mui grande para ser teu inimigo,
Quando sua clemência tu implores.
[...].⁶

Será pertinente comparar estes testemunhos poéticos com outro tipo de documentos escritos na época. Com o passar do tempo, vieram a ser publicadas também obras de ficção, como por exemplo os romances *O Sargento-Mór de Villar*, de Arnaldo Gama (1885) ou *Os Guerrilheiros da Morte*, de Pinheiro Chagas (1899), entre outros. Mas existem muitos outros testemunhos coevos, nomeadamente de José Accursio das Neves e de José da Silva Lisboa, de onde ressalta essencialmente o mesmo tipo de posição que a poesia evidencia: um grande desejo de manifestar gratidão para com o povo britânico,

⁵ FONSECA, 1987:5.

⁶ FONSECA, 1987: 13.

em particular Wellington, mas também para com o seu Rei, o “Immortal Jorge”, que permitiu a concretização do apoio dos aliados, através da colaboração do seu exército com as tropas portuguesas.

Situação diferente virá a verificar-se pouco depois da vitória final da Guerra Peninsular, quando a permanência de muitos ingleses em Portugal começar a assumir a fisionomia de uma pretensão político-militar com contornos ameaçadores para Portugal. A viragem de opiniões será rápida, e a animosidade em relação aos britânicos tornar-se-á clara⁷. O próprio Arthur Wellesley – que, embora dando-se conta, desde logo, da existência de grupos organizados que pretendiam afastar do nosso País toda e qualquer presença britânica, não deixava de reconhecer a hospitalidade do povo português em relação aos ingleses, chegando a insurgir-se contra o mau comportamento de muitos dos seus soldados em relação à população portuguesa⁸ –, virá a comentar, anos mais tarde, com evidente consternação, a radical mudança de atitude do povo português para com os ingleses:

That which is most extraordinary in Portugal is the change in the nature of the People. In my time the hair of the head of an Englishman was never injured. The whole country would have turned out in his defence. Now I understand that an Englishman does not show himself.⁹

Para com Wellington permanecerá contudo, dentro da crítica, alguma contenção, fruto do grande respeito conquistado, mas é bem possível que o facto de a sua figura não ter chegado a assumir uma dimensão mítica no imaginário português ter sido consequência dessa desconstrução de uma imagem que parecia assegurada para sempre quando a sua missão se cingia, com brilho e glória, aos valorosos propósitos da sua vinda a Portugal. Este foi mais um dos revezes de que tem sido feita a história da “mais velha aliança”, e que se traduz numa espécie de relação de amor-ódio, que tem ciclicamente aproximado e afastado o povo português do povo britânico, sem nunca conseguir assegurar uma amizade duradoura e tranquila, mas também sem que nunca se tenham quebrado irreversivelmente os laços cujas grossas raízes remontam a tempos medievais.

⁷ Vejam-se as referências bibliográficas respeitantes a «Textos avulsos anti-britânicos», citados nas páginas 165-166 da dissertação de mestrado referida no final deste texto.

⁸ Cf. *Wellington and his friends*, «Letter to the Earl of Liverpool. Viseu, 24.1.80». 1/304. Folder 2 (publ. 1838).

⁹ Cf. *Wellington and his friends*, «Letter to Lady Wilton, Walmer Castle, 24 Oct. 1839».

BIBLIOGRAFIA

A.J.C. e S., *O Guerreiro honrado. Dialogo entre Pai, Mãe e hum Filho Soldado*. Lisboa, Impressão Regia, 1814.

BELO, Maria do Rosário L. Lupi, «Imagem de Portugal na Guerra Peninsular: a poesia encomiástica como tributo da Literatura à História» in CEIA, Carlos; LOUSADA, Isabel; AFONSO, Maria João da Rocha (orgs), *Estudos Anglo-Portugueses. Livro de Homenagem a Maria Leonor Machado de Sousa*. Lisboa, Edições Colibri, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 2003, pp.59-71.

FONSECA, Rui Brito da (org.), *Explosão de Almeida e Poemas do Tenente-Rei. Poemas da Guerra Peninsular*. Almeida, Associação dos Amigos de Almeida, 1987.

MACEDO, José Agostinho de, *Ao Invicto Wellington, Ode. Por José Agostinho de Macedo*. Lisboa, Impressão Regia, 1813.

N.A.P.P.M. in J. P. SILVA, *Versos que distribuio gratuitamente José Pedro da Silva, no dia em que esta capital celebrou o fausto acontecimento da retomada de Badajoz, pelo que illuminou as Casas de sua residência na Praça do Rocio, como diz a seguinte Descrição*. [Lisboa], Impressão Regia, 1812.

SILVA, José Pedro da, *Collecção dos Versos e descrições dos Quadros Allegoricos, que em todas as solemnidades publicas desta capital mandou imprimir, e gratuitamente distribuir José Pedro da Silva, por ocasião das illuminações da sua casa na Praça do Rocio*. Lisboa, Impressão Regia, 1812.

NOTA: Tendo as informações constantes deste artigo resultado de uma investigação mais alargada para uma dissertação de Mestrado, onde são referidos os títulos de todas as obras e de todos os poemas analisados (Cf. LEITÃO, Maria do Rosário Sampaio

Soares de Sousa, «Wellington na Poesia Portuguesa - Guerra Peninsular». Lisboa, FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 1990), remetem-se os interessados para esse texto policopiado. Importa sublinhar que as principais fontes de pesquisa foram: o Catálogo *Fundo British Council*, da obra de Cristóvão Aires *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular*, as publicações periódicas da época, os poemas existentes no núcleo da Real Mesa Censória do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e a correspondência de Wellington existente no espólio doado à Universidade de Southampton, tanto a pessoal, intitulada *Wellington and his friends*, como a oficial, *Wellington Papers*. O acesso a estas duas últimas fontes de informação (núcleo da Real Mesa Censória e correspondência de Wellington) foram facultadas por Maria Leonor Machado de Sousa, orientadora da referida tese. Para além destas referências gerais, a Bibliografia que aqui se apresenta diz respeito aos poemas e/ou obras directamente citadas neste texto.